

A despeito dos morteiros estupidamente ruidosos que meia dúzia de pseudo-entusiastas fez estoirar, o intuito de mostrar ao mundo o seu republicanismo duvidoso, e embora dos cofres públicos tivessem saído muito do nosso dinheiro para pôr a militância na rua, vestida de grande gala e que atrai a multidão curiosa, apesar de todos estes iscos, nunca o aniversário foi tão chécho, nunca os discursos oficiais foram tão burocráticos e enfadonhos, tão «mangas de alpaca», como anteontem.

Mas como poderia o povo regressar-se com a existência dum regime que lhe espanta os filhos na praça pública, que os enclausura nas masmorras frias, que exerce sobre eles a ditadura férrea da burguesia, dos homens do comércio e da finança, dos Pedro de Araújo — ditadura ignóbil mascarada na Constituição?

Que amor poderá ter o povo trabalhador a uma república que lhe tapa a boca a tiro, quando ele reclama mais pão, que lança sobre ele vinte ou trinta mil baionetas da guarda republicana, quando ele, sufocado pela pata fornida dos exploradores do seu suor, estrebucha e se revolta?

Como poderá o povo estar de acordo com uma república onde não há protecção aos doentes, onde o trabalho está escravizado, os homens públicos dão o espectáculo dos seus processos pouco lícitos, as questões são resolvidas à sabrada, as indústrias estão decadentes, as escolas são um mito e as liberdades constantemente ameaçadas?

Deixam-se os políticos embalar pelas suas próprias palavras enganadoras de elogio ao regime que hoje a maioria da nação odeia. Quizeram ver os nossos políticos nas grandes paradas militares — eles que tanto clamaram contra o militarismo — uma manifestação do apoio popular à república. E não se lembram que o povo não pode suportar o militarismo que o espanca, que o submete, a ferro e a fogo, a escravidão revoltante.

Tem sido um regime de saque e de ignomínia, o que anteontem se comemorou. O povo é fundamentalmente honesto, o povo é anti-militarista. Ele odeia o regime — que desbarata as riquezas da nação e o militarismo que lhe rouba os filhos, que os transforma em madraços e lhes imprime uma moral devesa.

O sr. presidente da república, que nos tempos da monarquia deixava uma república com reflexos de anarquia, sentiu-se anteontem feliz, entre os elementos militares que o rodeavam. A comemoração de anteontem apenas serviu para mostrar que o regime está nas garras marciais do militarismo. Os civis eram poucos e o desempenho o triste papel de comparsas.

Perante tudo isto, que resta ao povo — senão desejar ardentemente a queda da oligarquia financeira que sustenta de pé esta caricatura dolorosa de regime de Liberdade, Fraternidade e Igualdade?

Que não desanimem o povo revolucionário. Mais dois negócios de 50 milhões, o exército e a polícia aumentados com mais alguns milhares de mercenários e teremos a república afogada numa onda de lama.

Depois, sobre as suas ruínas, escravos do trabalho, raiará o verdadeiro sol da Liberdade!

Rebeldias

Em Portugal, país natal do analfabetismo, terra onde raro se abre um livro que não seja emprestado e um jornal que não represente desde o fundo até ao que, de se colhe de publicar, as opiniões dos endinheirados, o boato, cavalheiro respeitável, governa os respectivos e administra as opiniões.

Pois o boato deu a toda a gente a sua palavra de honra — a palavra do boato, não conhecem? — que, uma revolução, estalaria em Lisboa, e conduziria triunfalmente, ao Terreiro do Paço, uns estatistas filhos da vitória, de reputação feita revolucionariamente pelas nobres, admiráveis e fraternais pistolas automáticas e bombas de dinamite.

O boato também me falou, também me garantiu, sob palavra de honra, uma nova revolução.

Não acreditei que houvesse uma nova revolução porque esta terra não tem condições para a realizar. Acreditou, sim, que uma nova desordem se está febrilmente organizando para breve, e que ela amanhã possivelmente triunfará, se tornará ordem, e nos perseguirá com certeza, chamando-nos de desordeiros. Talvez por não termos apalado nenhuma desordem e por sermos partidários duma ordem social — sem desordem.

Mas, o boato insiste, teimoso, que vem aí uma revolução. E nós continuamos escrevendo: Uma nova desordem, val esta terra.

Não é uma revolução, porque não abala nem um cofre nem um preconceito. No entanto, é quase certo o seu triunfo. A nova revolução é feita por homens que levam o bôgo garfo e faca — e marcham direitinhos para o orgamento do Estado.

Porisso os nossos orçamentos particulares se vão entortando até que um dia teremos de pôr de lado, por inuteis, os nossos garfos e as nossas facas, para pegarmos em armas mais eficazes.

El possivel que, nesse dia, se realize de facto uma revolução...

Cristiano LIMA.

EM PARIS

Um Congresso dos Sindicatos Inter-industriais

Devia-se ter realizado em Paris na dias 1 e 2 do corrente um Congresso dos Sindicatos Inter-industriais, de cuja declaração de princípios vamos transcrever algumas passagens:

«Nem Moscú, nem Amsterdã, mas Humanidade. Nem Jounaux, nem Lénine, mas Federalismo.

«Denunciar os sistemas onde alguns indivíduos são tudo e o ideal nada, não acusando estes indivíduos, mas os sistemas, que os corrompem.

«Organizar por meio de conselhos técnicos de indústria, a educação individual dos trabalhadores.

«Pela prática e pelo estabelecimento de oficinas, centros de experiência agrícola, laboratórios, escolas, bibliotecas etc., desenvolver a responsabilidade moral, técnica, económica e social dos indivíduos, a fim de os preparar para uma acção de transformação social, para a posse e organização de todos os meios de produção e de troca.

«Fazer o estudo da organização económica da região pela colaboração de comum acordo de todos os grupos representando a actividade económica das localidades (completamente autónomas), associando os seus meios, os seus recursos e os seus esforços, no princípio puramente federalista-libertário, não admitindo em seu seio qualquer política ou funcionário.

O operariado consegue fazer ouvir o seu protesto

Vai ser estabelecido o tipo único de pão

O presidente do ministério, reconhecendo a razão que ao proletariado assistia nos seus protestos contra o novo regime do pão e verificando, pela experiência, a sua impotência em impedir os abusos e o espírito ganancioso dos industriais da moagem e da panificação, enviou ontem ao presidente da mesa do comício promovido pela União dos Sindicatos Operários o seguinte telegrama:

LISBOA, 6 às 16,30 — Governo está disposto a estabelecer um tipo único de pão, o que levará a cabo no mais curto prazo possível. — (a) Presidente do ministério, António Granjo.

Folgamos com a disposição do governo e esperamos que imediatamente ele cumpra a promessa neste telegrama formalmente expressa. Assim o exige a saúde da população trabalhadora.

Crónicas de Hamon

A questão do próximo Oriente

A luta pela posse das vias de comunicação

E' para notar que enquanto em 1914-1918 as potências se entrecravavam violentamente sobre o continente europeu e no seu Ocidente, parece que actualmente o centro do choque se deslocou para o Oriente não já sobre o território da Europa mas sim sobre o da Ásia.

Esta situação explica-se claramente quando se encara a área que as questões do Próximo Oriente abrangem, e o fim que se pretende atingir na solução destas questões. Em primeiro lugar constatamos um centro a estas questões, é o centro balcânico. Durante os séculos XIX e XX, antes da guerra, era este o ponto perigoso.

As competições da Alemanha e da Austria Hungria por um lado, da Rússia por outro e as da Inglaterra entrecravavam-se na Romenia, Bulgária, Servia e Grecia. Mas o desaparecimento do império Austro-Hungaro, a supressão da potencia Germanica, o enfraquecimento momentâneo da potencia russa transformaram toda a região balcânica de baixo do ponto de vista politico. O centro balcânico enfraquece-se como causa de conflito e, por assim dizer, divide-se, visto que se formou um centro mais ao norte, na Polónia, e outro mais ao sul na Ásia Menor.

As causas desta divisão, da formação destes dois centros de atracção e de repulsa no Próximo Oriente descobrem-se facilmente quando se investigam as causas profundas e reais dos acontecimentos humanos e não as aparências mais ou menos fugitivas e passageiras. Estas causas são: a posse das vias de comunicação que partem da Europa para a Ásia.

No decurso dos séculos sempre a posse das vias de comunicação suscitaram longas e sangrentas guerras. Eis um fenómeno sociológico constante, tanto durante a pre-história como no decorrer dos últimos dez mil anos da história. Actualmente achamo-nos em presença dum período activo da luta pela posse das vias de comunicação.

A Ásia e sobretudo o Oriente e o sul dos seus planaltos centrais, o Pamir nevoso, ventoso e árido sempre atraíram os povos e os conquistadores. A Índia e a China, países de riquezas indescriveis e desconhecidas no decurso dos séculos, passaram, são de facto países de uma riqueza enorme tanto como produção, como consumo. A matéria explorável destas regiões, não se pode avaliar com os meios actuais: abundam as produções do solo e do sub-solo, e a população é duma grande densidade. A exploração destas regiões não só é útil como até indispensável às potências industriais e comerciais. Estas tem necessidade da China e da Índia, como clientes e como fornecedores.

Quando se estuda, no decurso dos séculos, a história da humanidade nas suas grandes linhas, constata-se sem contradição que os factores dos acontecimentos tem sido sobretudo de ordem económica. O mesmo se dá hoje, num grau até mais pronunciado, por causa do acréscimo das riquezas mundiais. A consequência do poder do factor económico nos acontecimentos humanos manifesta-se por parte dos detentores das riquezas pelo desejo intenso de posse das vias de comunicações, isto é, das vias de trânsito das riquezas tanto de ida como de retorno.

Por isso vemos a Gran-Bretanha assenhorear-se dos caminhos marítimos que conduzem ao Oriente e ao Extremo Oriente. E para deles se assegurar, batizou os mares com as suas possessões: Gibraltar, Malta, Chypre, Aden, Cabo da Boa Esperança, Singapura, etc. Também temos visto a Rússia sempre impelida a assenhorear-se das regiões costeiras do Báltico, do Mar Negro, do Caspio, a apoderar-se

do Cáucaso, do Turquestão, de forma a possuir os caminhos terrestres que conduzem pelo Iran às Índias e pelo Turquestão contornando o planalto central asiático à Mo ngolia e à China, que a Rússia pretendia atingir também na Sibéria e pela Manchúria.

A Alemanha ao desenvolver-se economicamente teve por seu turno de procurar possuir os caminhos que conduzem aos países abençoados dos exploradores: a China e as Índias. Esforçou-se portanto por criar a linha Hambourg-Bagdad, ao mesmo tempo que com todo o seu poder militar e politico exercia pressão sobre a Austria, a Bulgaria e a Turquia, para as ter como aliadas de forma a abater o poder da Rússia e sobretudo o da potencia britânica. E par este motivo o capitalismo germanico desencadeou a guerra mundial para se assegurar destas vias de comunicação. Combatendo ao ocidente a Alemanha via-se ao oriente.

E durante a guerra, utilizou ou, por outra, tentou utilizar o idealismo dos ucranianos para conseguir pôr as mãos sobre o grande porto de Odessa, testa definhada no caminho, semi-terrestre semi-marítimo do Oriente para o Extremo Oriente asiático.

O capitalismo alemão foi batido pelos capitalistas aliados da Gran-Bretanha, da França, da América e da Itália, porque estes souberam arrastar os povos democraticos do Ocidente para a luta e porque o capitalismo germanico estava intimamente aliado ao autocracismo.

E tão intimamente aliados estavam que tanto um como o outro representavam igualmente forças regressivas na evolução humana. A sua acção tendia a deter e a marchar em sentido contrário à evolução humana. Instintivamente as massas humanas o sentiram, e instintivamente se ergueram contra isto e combateram. Por agora o capitalismo germanico achou-se fora do combate. Mas o capitalismo britânico não conseguiu ficar como o senhor incontestado porque a guerra provocou a elevação de dois outros capitalistas concorrentes: o capitalismo americano e o capitalismo japonês.

E tem voz no capítulo, com tanta mais força quanto os seus estados são poderosos e fortes. Mas pelas suas respectivas situações geográficas, não tem necessidade dos mesmos caminhos que a Gran-Bretanha ou a França — quer dizer, as elans capitalistas — para poderem explorar as riquezas asiáticas.

As suas vias são diferentes: é a do mar, a do Pacifico, para atingir a Ásia pelo Extremo Oriente. Para eles o caminho do Próximo Oriente tem menos valor. Entretanto tem algum, sobretudo para o capitalismo americano, porque nos contrafortes dos montes ao sul do Caspio e ao este do Tigris, o petróleo é vulgar. E o capitalismo americano tende a fazer o trust do petróleo, por um lado para manter os preços do seu próprio petróleo, por outro para possuir o combustível do futuro, que é chamado a substituir a hulha enquanto que a sciência e o espirito inventivo dos homens não lhes permitiu extrair da hulha as imensas energias que as teorias de Einstein demonstram nela estarem encerradas.

Paris, Outubro de 1921.

Augustin Pflaum.

em mangas de camisa

Heroísmo republicano
A república fez anteontem onze annos. Esta data vem demonstrar o heroísmo republicano.

Esse heroísmo, duvidoso nas lutas para a sua implantação, dado o grande numero de caudilhos ausentes em parte confortável, é certo, de 6 de outubro até hoje. Pois há onze annos que os republicanos se insultam e agredem, se espingalham, se trucidam — e ainda se não cansaram. Há onze annos que os republicanos, searrolam punhados de lama, que vão sempre cair no rosto da república — e ainda não a consideram suficientemente enlameada. Há onze annos que os republicanos atacam a república e perseguem os que não sendo republicanos os tem salvo dos erros.

Não se admiram que isto tenha durado onze annos?

Naturalmente... O Diário de Lisboa participou nos dias em grossas letras negras que os cartelistas desapareceram de Lisboa. Compreendemos: os honrados banqueiros da nossa praça foram veranear.

A caminho do polo
Devido a uma avaria, veio parar a Lisboa, terra de inumeráveis avarias, o notavel explorador polar, Shkleton. Pois nesta terra de exploradores, ele passou despercebido a todos — exploradores e explorados. Pela simples razão que ele não vem aqui explorar ninguém. A sua vida cifra-se numa constante exploração do polo.

Os nossos exploradores, se um dia nos cansarem a paciência é provavel que nós os aconselhemos a ir explorar o polo, porque então já nos consideraríamos suficientemente explorados.

Tentativas de evasão
Todos os dias, invariavelmente, os jornais annunciam em duas linhas um ou dois suicídios.

Ontem em quatro linhas, duas linhas por suicidio, recebemos a informação de duas tentativas de suicidio.

Uma menina de 18 annos, quando começava a viver, e um operário, que talvez tivesse 18 annos de trabalho, tentaram desertar da vida, sem esparafalho, pelo unico caminho que leva à morte — o suicidio.

As causas dessas tentativas de suicidio para quem as quizer conhecer, não são necessitas de ir procurar nos livros de há quatro seculos, porque todos as podem ler nas paginas sangrentas da vida de hoje.

Suicídios comprehendem-se. Pois não será a vida actual um suicidio de todos os dias?

Há os partidários das sínteses, que preferem suicidar-se duma só vez. Apesar disso, não queremos imitar o gesto dessa telefonista com 18 annos de vida desse operário, provavelmente com 18 annos de trabalho. Preferimos continuar vivendo esta vida suicida lutando energeticamente pela liquidação dos suicídios.

Trez máz
A' hora em que os operários trabalham, no concurso hipico dois cavaleiros sofreram contusões por tombarem dos respectivos cavalos.

Nesse mesmo dia, a hora em que no concurso hipico muitos se divertiam, uma rapariguinha era colhida, quando trabalhava, pela engrenagem duma máquina.

Já todos os que trabalham conhecem os mártires do trabalho, por deles serem todos mais ou menos mártires. Não conheciam — talvez por serem mais raros — os mártires do prazer. Estes dois cavaleiros são dois autenticos mártires.

A rapariguinha e os dois cavaleiros são três mártires da vida moderna. Há contudo uma diferença: o martirio da rapariguinha, reverte a favor dos que se divertem, e o martirio dos cavaleiros, não reverte a favor de ninguém.

Quando no mês passado aquelas trovoadas originaram inundações e desgraças, muros abatidos, mortes, ferimentos, estragos de toda ordem, lembra-nos de ter dito aqui — e os nossos leitores não o devem ter esquecido — que se existisse em Lisboa uma Câmara Municipal que se interessasse pela vida dos munícipes, a maior parte desses desastres materiais e pessoais não se teriam dado.

Caíram, nessa ocasião, muros, tapumes e chaminés. O Sindicato Unico da Construção Civil, por intermédio de «A Batalha», veio dizer mais uma vez a quem o quizesse ouvir que se as construções fossem feitas conforme aqueles operários — que tem mais consideração pela vida alheia do que os nossos vereadores que vivem a sua vida preocupados com os sinais cabalísticos da bandeira municipal — recomendavam, não teria havido tanta desgraça, e o morador descurado não teria receio de um dia ficar esmagado sob as gaiolas baratas que os sobornos alugam tam caro.

Mas os fiscaes das construções parece que não se contentam com os vencimentos que a Câmara lhes dá, e todas as construções, todas as obras a taipa, desde que o construtor seja uma cara direita, estão muito bem feitas...

Pois, a despeito dessas inundações e desses vendavais, que iam atirando meia cidade por terra, houve uma casa que tocou em ficar de pé por mais alguns dias para vir a cair anteontem ao meio dia, para comemorar o aniversário dum regime que, apesar de novo, como esse prédio também não se pode manter de pé por muito tempo.

Esse prédio, que ainda não estava terminado, ainda trazia operários trabalhando lá dentro, que se salvaram a tempo. Esse prédio sito na rua Joaquim Bonifácio pertencia ao galeiro Aníbal Ferreira, que tem outra construção nova na rua José Falcão, que provavelmente abaterá também.

E porque motivo desabou? A isso responde muito bem a Secção Profissional dos Pedreiros do Sindicato Unico da Construção Civil, que ontem reuniu para apreciar o caso. Diz-nos ela que a origem do desabamento filia-se nas razões que tanta vez a tem levado a protestar: em o prédio ter sido construído com terra poneirada e as paredes erguidas a taipa!

Já diversas vezes a referida secção tem protestado contra esta forma de construir e contra o desleixo dos fiscaes, sem que obtinha a minima satisfação. Mais uma vez vai aquela secção tentar pôr cobro ao desafuro dos construtores. Brevemente ella reunirá juntamente com a comissão de melhoramentos e as restantes comissões profissionais, a fim de mais ruidoso protesto fazer ouvir.

E' inadmissivel que a Câmara Municipal faça orelhas moucas a assuntos desta natureza. A população lisboeta está ameaçada. Existe em Lisboa o perigo de habitar.

EM FRANÇA

No túnel de Batignolles chocam dois comboios de passageiros

Dois comboios de passageiros esbarbaram perto das 18 horas no túnel de Batignolles, em França. Um dos comboios incendiou-se, sabendo-se já que há 6 mortos e 50 feridos, dos quais 20 em estado grave.

A REVOLTA DA CARNE

PRIMEIRA PARTE

Ignorância dos pais, perdição dos filhos

CAPÍTULO I

Os novos-ricos

O crepusculo invadira a saleta de costura, esbatendo num tom acizentado o colorido intenso das coisas, envolvendo-as num manto nevoento, cavando abismos de sombra profunda nos recantos. Da rua solitária — Aquella hora calma da tarde — não subia ruido que perturbasse a quietude habitual do bairro. Lili, junto da janela velada pelas cortinas de renda, esquecera sobre os joelhos o crochê interminável, deixando-se arrebatado pelos sonhos lindos, impregnados daquela ansia de perfeição e de felicidade que só os dezoito annos sabem sentir.

A claridade frouxa da tarde moribunda, polvilhando a atmosfera de pó violeta, iluminava de leve o rosto da donzela, deixando adivinhar nos traços indecisos, vagos, uma expressão de dolorosa melancolia.

Leonor Gomes, a Lili — como affectadamente costumavam tratá-la — levava uma vida monótona. A qual o seu temperamento não se adaptava. Na sua existência, aparte certos agastamentos

mentos prontamente reprimidos pela autoridade dos pais, em vez de decorrer fácil e tranqüil como a face serena dum lago, fosse erigida das aguras da fome e das arrelhas da labuta, talvez aquelle aborrecimento constante que se lia no seu rosto belo, nos seus olhos negros debaixo dos olheiras violáceas, não a fizesse chorar sem saber porque, odiar, desconhecendo o que odiava.

A sua juventude impetuosa, o seu organismo sensual — como o demonstravam as suas ancas largas de linhas voluptuosas, os seus lábios nem nada grossos e vermelhos e o seu olhar lânguido e febril — estiolavam-se em casa de seus pais, definhavam-se naquele ambiente frio de jacoio de família.

Durante muito tempo acreditou ingenuamente no amor sincero dos seus progenitores. E, como todas as amorosas, propensa ao sacrificio exagerado, suportava com resignação cristã as suas reprimendas cruéis, a protecção humilhante e os conselhos incoerentes. Perdoava-lhes quanto a faziam sofrer, tomando illusoriamente por amor e excesso de zelo o que não passava duma vaidade mesquinha daqueles que pretendiam assombar o mundo com a educação duma filha, que soubesse cumprir rigorosamente todos os preceitos a que a convenção chama ingenuidade e honra.

Jerónimo Gomes e Teresa do Jesus não desejavam a felicidade da filha. Pretendiam apenas apresentá-la ao mundo, como um modelo de virtude. Que fosse infeliz, que passasse uma vida de silenciosa tortura, mas que a sociedade, em paga, pudesse dizer: «A filha dos Gomes leva

uma vida invejável. Os pais deram-lhe uma educação verdadeiramente aristocrática; gastam rios de dinheiro para trazê-la nas palminhas e hão de casá-la, certamente, com um rapaz fino e rico que possa merecê-la».

O destino de Lili estava traçado pela vaidade dos pais. Subitamente guiados às alturas incensuráveis da fortuna, desejavam ardentemente pertencer a uma estirpe superior para que ninguém suspeitasse que o Jerónimo viera da terra, de pé nu, para Lisboa e Teresa andara de canastra à cabeça vendendo o peixe pôdre que a capital consome.

A guerra, que lhes trouxe a riqueza, deformou-lhes o carácter, soprou-lhes as almas pequinhas, que incharam de pretensão, como bexiga de porco plena de vento. Se, quando pobres, a riqueza alheia lhes provocava rancor, depois da abundância lhes ter entrado inopinadamente em casa começaram a odiar a pobreza.

O povo, a plebe que sua e geme, era o peso do constante dos Gomes. O seu maior desgosto seria o presentearem que o mundo lhes conhecia os antecedentes. A' força de querer passar por afortunados de nascença, transmutaram-se numa caricatura rizível. Olhando-os, descobriam-se em breve os plebeus travestidos de capitalistas.

Jerónimo engordara como um suíno alentejano e correspondia perfeitamente à idea que se faz do novo-rico. Teresa, certamente porque o seu temperamento de sumitica a consumia, emagrecera lamentavelmente. Elle tinha os pés grandes e comprava botas para encobrir o defeito. Ela, que sobre a cabeça sabia apenas equilibrar

a giga, passava horas de inconcebível tormento em frente do espelho, para pôr com elegância os chapéus de donzela que os seus quarenta annos de mau gosto exigiam do Mimoso.

Tanto um como outro, já depois da fortuna começar a deliciar-se, como saboreio fruto que pela primeira vez se morde, aprenderam a ler e a escrever. Ficou, assim, o Jerónimo habilitado a sacar letras, a passar recibos e a soletrar, à noite, o Diário de Notícias, que considerava uma maravilha literária; e D. Teresa de Jesus a ler o folhetim, que a comovia até às lágrimas, principalmente naquelas passagens em que se dizem coisas impressionantes dos «pobres, mas honrados».

Lili, portanto, era para seus pais mais um instrumento; mais uma coisa com que poderiam assombrar os pobres, a ralé, a escória. Não era positivamente uma filha. Seria, quanto muito, uma espécie de água bem aparelhada e amestrada que eles mostravam, na rua e no teatro, ao respeitavel publico.

Urgia educá-la. A educação, para os Gomes, não era a forma de desmoepear o espirito, de cultivar os sentimentos humanos de Verdade e de Justiça, de Bondade e de Beleza. Eles compreendiam a educação duma maneira bem diferente; julgavam-na um aparelho complicado, capaz de transformar os individuos fundamentalmente plebeus em entes essencialmente ricos, superiores e aristocráticos. Jerónimo, que gritava aos quatro ventos o seu republicanismo, sentia-se estranhamente comovido quando um amigo, olhando bem o seu rosto balfo, lhe dizia que tinha cara de fidalgo. Teresa, que admirava

A BATAIHA

Sapataria S. Roque

Grandes Baixas de Preços

Botas de verniz que eram de 45\$ a. . . 26\$00
 Botas de verniz, cano de camurça, que eram de 43\$ a. . . 25\$50
 Botas de calf preto que eram de 34\$00 a. . . 22\$00

Botas de vitela branca que eram de 25\$00 a. . . 13\$75

Sapatos para senhora em magnifico calf ou pelica verniz desde 11\$00
 Calçado de luxo em todos os géneros por preços inacreditáveis.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e de Sul e Sueste, e da Cooperativa dos Empregados do "Diário de Notícias".

Queiroz L. da
 L. Trindade Coelho, 17
 (antigo L. de S. Roque)

Nicolau Gomes Correia



Acaba de receber um grande sortido de cheviotes, género inglês, estambres, casimiras e alpaca a preços sem competência. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, parashoras, sacos. Um grande sortido de kakis.

— AVIAIMENTOS PARA ALFARTEES

Rua dos Fanqueiros, 255

A grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária
 Sapatos em calf-preto para senhora 11\$00
 Sapatos em verniz todos os modelos 20\$00
 Botas calf-preto grandes 21\$00
 Botas calf-preto com duas solas 22\$50
 Grande saldo de botas pretas para homem 17\$00
 Grande saldo de botas brancas 16\$15

Um colossal sortido em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cor para homem a 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial n.º 69

EMILIO TROISE

Capacidade revolucionária de la classe obrera — Sindicato y Partido.

Custo deste folheto, em lingua espanhola \$20. Pelo correio \$23

Pedidos acompanhados da respectiva importância a administração de A BATALHA

COLECCOES:

A nossa secção de livreria acaba de pôr à venda as coleções seguintes:

de

A BATALHA

1.º e 2.º ano, 4 volumes encadernados, 50\$00

de O AVANTE!

43 números \$50

de A SEMEITEIRA

2 anos da 2.ª série, . . . \$50

4 . . . \$100

Previne os sindicatos e outros organismos operários que desejem adquirir a coleção de A Batalha que o devem fazer com a necessária brevidade a fim da referida secção poder dispor delas para atender pedidos individuais.

As despesas de correio ficam a cargo de quem fizer a encomenda

Trabalhadores. Lêde e propaga A BATALHA

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinas ultra-elegantes Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais pratico dos inhaladores;

2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar oscuros duvidosos porque as defende de contagiosos perigosos;

3.º São usadas pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes sonos reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em publico;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o catarro gastrico;

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intellectuais, evitando a surmenagem cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;

7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo sanita o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diptheria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortido em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurès (Exclusivo)

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livreria de A BATALHA)

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

Pelo correio

B. BARATISSIMO

Calçado

de todas as qualidades

Botas de bom calf preto. 24\$00

Botas de bom calf de cor. 28\$00

Este calçado é sólido e elegante de forma a servir os mais exigentes

Pavilhão Americano

Antônio Martins Leão

R. Marquês de Alegrete, 77

Preços especiais para as cooperativas a quem concedemos vantagens. Todas as Cooperativas para seu interesse devem consultar-nos antes de darem os seus pedidos. Fornecimentos para a provincia.

Canções sociais

Do concurso promovido pela Juventude Sindicalista do Porto

Preço \$25. Pelo correio \$28

Pedidos acompanhados da respectiva importância a administração de A Batalha.

Alegorias sociais

Publicadas pelo nosso colega A Comuna, do Porto, nos seus números do 1.º de Maio de 1920 e 1921 em separata e em bom papel couchet, encontram-se à venda na administração de A Batalha, ao preço de \$25 e \$30.

São umas belas alegorias para emoldurar e figurarem nas salas das associações operárias. Para a provincia e estrangeiro acresce o porte do correio.

A COMUNA

Semário Comunista Libertário Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 — PORTO

A PROPOSITO

DEBATE DE OPINIÕES

A Dittadura do Proletariado

de CARLOS RATES

Preço 40 centavos

Pedidos à administração de A BATALHA

Serviço de Livreria

DE A BATALHA

Instrução profissional

Elementos gerais

Obras a \$350 encadernadas:

Algebra elementar, aritmetica pratica, desenho linear, geometria, de fisica, de mecanica, de optica, de electricidade, de projectoes, de quimica, Escrituração Commercial e Industrial, Geometria Plana e no Espaço.

Mecânicos

Desenho de máquinas, 1920—Materiaes Agricolas, 1920—Nomenclatura de máquinas e caldeiras, 1920—Problemas de máquinas, 1920.

Construção Civil

Obras a \$350 encadernadas:

Acabamentos das Construções, Alvenaria e Cantaria—Edificações—Encanamentos e utilidades das habitações—Materiaes de construção—Terraplenagem e figure, Trabalhos de Carpintaria Civil—Trabalhos de Serralharia Civil.

Manuais de officios

Obras encadernadas:

Condutor de máquinas, 4000—Electricista, 3600—Fabricantes de tecidos, 3650—Ferreiro, 3650—Fogoeiro, 3650—Formador e Estecedor, 3650—Fundidor, 4000—Galvanoplasta, 4000—Motores de Explosão, 4000—Navegante, 4000—Piloto, 4000—Sapateiro, 4000—Serralheiro Mecânico, 4000—Torreiro Mecânico, 4000—Industria Alimentar, 3650—Industria Ceramica, 3650.

Além das obras que annunciamos, satisfazem-se todas as encomendas que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte de correio e mais \$10 para registro.

Não se enviam livros cobrados pelo correio.

Na Administração deste diário operário encontram-se à venda todas as obras do educacão profissional, de sciencia, filosofia, sociologia, higieine e esperanto; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e operários, livros operários, etc.

Além das obras que annunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais \$10 para registro.

Auxilia-se A Batalha, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros a cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de Livreria de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR

Lisboa-Portugal

Sapataria Imperial

34, Rua do Rato, 36 LISBOA

CALÇADO BARATO

Para homem, senhora e criança de todas as qualidades e modelos

CALÇADO DE HOMEM Bota de calf preto. 21\$00 Bota de calf de cor. 25\$00

CALÇADO DE SENHORA Sapato preto de 1.ª a. 11\$00 Sapato verniz pelica a. 12\$00

Importante saldo Botas de vitela branca a 15\$00

Encarrega-se de concertos de toda a espécie

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1921

Seguros de incendio de searas

A MUNDIAL, devido a um accordo com o poderoso grupo de Companhias estrangeiras COBRA SÓ METADE DOS PREMIOS até aqui esta belecidos nos seguros de cereais e palhas.

ALEM DISSO, A MUNDIAL NADA COBRA a titulo de ENCARGOS ou contribuições pois que estas são por ela integralmente pagas.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valério, Lopes & C.ª L.

Telefones (central) 2778 e 3478

gramas Ferrame

Fornecimento completo para todos os officios

Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, latão, zinco, chumbo e areses diversos.

Carros, vagonetas e todos os pertences de material.

Decauville

22, largo de S. Julião, 23

Rua Nova do Almada, 1, 8 a 7

LISBOA

Obras de literatura, sciencia e ensino

(A' venda na Secção de Livreria de A BATALHA)

Adolfo Lima.—Educacão e ensino. 4\$00

Alfred Binet.—A alma e o corpo. 2\$50

Alfredo Neves Dias.—Razão (poema social). 4\$00

Benezzzi.—Arte de estudar. 1\$00

Benezzzi.—Crachão e vida. 4\$00

Brussel.—A vida social. 2\$50

Clemente Jacquinet.—História Universal (2 vol.). 3\$00

Colson: Organismo económico e desordem social. 2\$50

Danteo: A sciencia e a vida. 2\$50

Danteo: Mecânica da vida. 1\$00

Dastre.—A vida e a morte. 2\$50

Ernesto da Silva.—Teatro livre e Arte social. 4\$00

Faguet: Iniciação filosofica. 2\$00

Faguet: Iniciação literaria. 2\$00

Faguet: Arte de ler. 1\$50

Faguet: Horror das responsabilidades. 1\$50

Flamarion: Iniciação astronómica. 1\$50

Flamarion: Astronomia popular. 4\$00

Flamarion: A vida nos astros. 4\$00

Flamarion: Curiosidades astronómicas. 4\$00

Frédéric Bontet.—As vítimas (teatro). 4\$00

Gorki: Os degenerados. 1\$00

Gorki: Os vagabundos. 1\$00

Gorki: Scenes de familia (teatro). 1\$00

A Crise do Socialismo

Sua evolução. — Sua situação presente. — Suas causas. — Seus efeitos. — O futuro.

Brochura de grande actualidade por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já á venda nas livrerias, tabacarias e quiosques. PREÇO \$40

SAIDAL

Especifico ideal e infalivel que permite a todos regular o numero de filhos na razão de bem os poder criar e educar para uma sociedade forte e feliz

FARMACIA CABRAL, Suos.—PAM PULHA—Lisboa.—Pelo correio \$50.

Querreis o vosso relógio

concer-

tado com garantia e por

preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOIRO

E OURIRES

DE

ALVES D'ANDRADE, L.º

SECÇÃO EDITORIAL DA BATALHA

Acaba de aparecer

A Propriedade

Privada

— POR —

José Carlos de Sousa

Preço \$20

A' venda nas livrerias e na

administração da Batalha:

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

HORARIO DOS COMBOIOS

3.º Aditamento ao cartaz horario D. 159

Combóios entre Caldas e S. Martinho

Desde 1.º de outubro proximo futuro del-

ta-se o horario dos combóios n.º 221 e n.º 222 que partem, respectivamente, de Cal-

das para S. Martinho ás 8,35 e de S. Martinho para Caldas ás 10,35, e cuja circulaçao es-

ta abandonada, assim como a circulaçao de

Lisboa, 28 de setembro de 1921.

O director geral da Companhia

Ferreira de Mesquita.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

AVISO AO PUBLICO

Venda em leilão de uma porção de lenha

abandonada na estação de Ermidas-Sal-

Faz-se publico de que, no dia 29 do cor-

rente, pelas 12 horas e na estação de Beja

proceder-se-há á venda em hasta pública

de conformidade com os regulamentos, de

uma porção de adubo, remessa de p. v.

n.º 24,229 do Barreiro a Beja.

A arrematação será feita a quem maior

lance offerecer, sobre a base de licitação

de 30000.

Lisboa, 21 de Setembro de 1921.

O chefe do serviço do tráfego.—J. V. de

Bocage Lima.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Venda em leilão de uma porção de sal

em Santa Vitória-Ervidel

Faz-se publico de que, no dia 28 do co-

rente, pelas 12,30 horas e na estação de Sa-